ANNO XVI de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 13 JULHO DE DE 1902 N.º 952 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 153

**Assignaturas**
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
*PAGAMENTO ADIANTADO*

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
*NUMERO AVULSO, 30 REIS*

3.º Anno

## A QUESTÃO CLERICAL

Podemos dar aos nossos leitores a boa noticia de que continuaremos, no proximo numero, os artigos que, sobre aquella epigraphe, vinhamos publicando, e os quaes, por impossibilidade do seu auctor, interrompemos ha tempo. Vamos continua-los e sob um aspecto differente, mas não menos instructivo que o anterior.

## Cartas d'Algures

11 DE JULHO.

A calmaria é grande, em toda a linha. De maneira que não ha, póde-se dizer, assumpto para estas cartas.

Em Portugal tudo se diverte em paz e socego. Não ha novidade. Na Hespanha está interrompida a propaganda do ministro Canalejas. Na França deram-se já as primeiras escaramuças entre o novo ministerio e a reacção clerical, mas ainda não ha coisa digna de menção. Na Inglaterra, succede a tranquillidade á inquietação produzida pela doença do rei. E assim por deante.

Não ha nada capaz de attrahir as attenções, que desperte a curiosidade publica. Ha signaes de proxima tempestade, isso ha. Uns rumores. E a proxima tempestade rebenta na questão clerical, a grande questão para os povos latinos.

Não nos illudamos, não se illuda ninguem. E' essa a grande, a momentosa questão nos povos onde predomina o catholicismo, mas principalmente na Europa latina.

Canalejas na sua propagando, Combes nas suas declarações, o proprio rei de Italia na sua proxima viagem, estão sob a acção immediata d'essa grande questão. Canalejas quiz incutir espirito liberal no ministerio de que fazia parte. Não o conseguindo, abandonou o poder, exemplo raro nos politicos da peninsula. O prestigio, que d'ahi lhe resultou, cresceu espantosamente com a sua missão de propaganda nas provincias. Mas qual é o inimigo visado pelo ex-ministro Canalejas? A reacção clerical. E' esse que elle accusa de causa principal das desgraças da Hespanha. E não se engana! E' contra esse inimigo que Canalejas pede auxilio e junta exercitos. E o povo hespanhol tem recebido essa nova guerra santa, essa nova cruzada com o maior enthusiasmo.

O povo hespanhol, pelo menos a parte intelligente e progressiva da nação, que é, em todas as nações do mundo, a parte dominante, comprehende, emfim, que a rehabilitação, a regeneração do paiz só é possivel depois do clero vencido e domado.

Até aqui, o combate ao clericalismo dava-se disfarçado. Receava-se falar no clero. Havia cuidado em distinguir os padres dos jesuitas, erro fundamental em que cahiam todos os *libaraes*, pobres ignorantes, erro que tem sido tão nefasto á causa da liberdade e da justiça. Hoje, já não. Hoje congloba-se tudo na designação geral de clericalismo. O jesuita é o padre, o padre é o jesuita. O jesuitismo absorveu a Egreja. Hoje, o jesuitismo é o papado, o papado é o jesuitismo. Assim se vae comprehendendo. Assim se vae dizendo. Comprehendeu-o o jornalismo liberal, a burguezia, o povo. Perdeu-se o medo. O inimigo já não é o jesuita. E' a Egreja, é o clero.

E' o que se vê na Hespanha e é o que se vae vendo em Portugal. A questão põe-se nitida. Um progresso importante, vamos lá!

Em França, tambem se põem de parte as ultimas hesitações e escrupulos. Porque a verdade é que em França, apezar do seu espirito e tradicção revolucionaria, a transigencia com a clericalha tem sido enorme. Tem sido vergonhosa, diga-se tudo. Waldeck Rousseau, comprehendendo que a democracia corria grave risco de ser afogada pela reacção clerical, que produzia a reacção militarista, que produz todas as reacções em sentido retrogrado, resolveu-se, emfim, a travar combate sério. Sobre esse combate se realisaram as eleições. O paiz pronunciou-se claramente. E d'ahi resulta a attitude tomada pelo novo ministerio. Combes vae mais longe que Rousseau. E' a consequencia logica dos factos.

Temos, pois, desenhada, em toda a parte, a grande questão dos nossos dias, que é a questão clerical. Anterior á questão politica, anterior á questão social. A marcha dos povos não se faz sem se dissiparem as trévas dos espiritos. Isto é assim, digam os rotineiros, os especuladores e os ignorantes o que lhes aprouver. A democracia não triumpha, a justiça não se tornará uma coisa regularmente séria, emquanto a humanidade vegetar no estado de ignorancia, de idolatria, de fetichismo em que se encontra. A religião, qualquer que ella seja, é o inimigo formidavel da emancipação humana, porque a religião é a escravidão, é o privilegio, é o preconceito, é a mentira. E com mentiras, privilegios odiosos, hypocrisias, trévas, ignorancias, nunca o homem sahirá da escravidão. Toda a religião é má, qualquer que ella seja. Mas a religião catholica, essa é particularmente abominavel. E' a negação da vida. O segredo dos progressos das nações mais adeantadas da Europa não está na raça, mas na religião. Se as religiões se tivessem trocado, as nações que são mais progressivas seriam mais atrazadas, e as que são mais atrazadas seriam mais progressivas.

A religião catholica é a grande inimiga da luz. Foi-o sempre. Quer os cerebros em trévas. E emquanto não houver luz, não ha justiça, não ha verdade, não ha liberdade.

Eis porque a questão clerical deve preceder naturalmente a questão politica e a questão social.

Se chegou a hora do combate, e se o combate se trava sem hesitações e sem sophismas, deve ter chegado a hora da redempção para os povos infelizes da raça latina.

*A. B.*

---

Acaba de ser nomeado secretario do tribunal do commercio do Porto o sr. António Homem de Mello, advogado na comarca de Braga, logar que exerceu sempre com distincção, e onde era muito estimado pelo seu bello caracter e rectidão.

---

**Caminho de ferro do Valle do Vouga**

Diz-se que deve ser principiada ainda este anno a construcção do caminho de ferro do Valle do Vouga, começando por Espinho, Aveiro e Vizeu.

Calcula-se que um anno depois de encetados os trabalhos será aberto á exploração o traço de Espinho e Valle Maior.

Ainda lá não vae d'esta. Ora verão.

---

Como os arames já não davam resultado ao *Cabecinha*, passou a burricada a proceder por *transmissão do pensamento*.

O *Barbita russa* recebeu a noticia n'um beijo de burro de almocreve, chegado da serra. Logo a burricada do *Tinhoso* se poz a escoucear e a zurrar. Logo a burricada do pasquim escouceou e zurrou ainda mais.

Era o caso do sr. Homem Christo ter ido para Chaves, *de castigo*.

Mas nos mesmos dias, em que a burricada escouceava e zurrava, estava, *sem castigo*, o sr. Homem Christo em Coimbra, que é, sob todos os aspectos e por todos os titulos, bem melhor do que Vizeu.

Sucia d'imbecis!

## O analphabetismo NO EXERCITO

O nosso prezado collega *O Norte*, respondendo ao *Jornal*, accentua novamente a ignorancia d'este periodico. Mas ignorancia em tudo.

O articulista não só não sabe nada do methodo João de Deus, não só não sabe nada de questões de pedagogia e de ensino, como não sabe nada das proprias questões militares.

Assim, disse que o ensino dos recrutas se ministrava nos mezes de janeiro, fevereiro e março. Nós respondemos-lhe, aqui, que não era nos mezes de janeiro, fevereiro e março, mas nos mezes de novembro, dezembro, janeiro, fevereiro e março. Elle replicou que não era verdadeira a nossa affirmação, attribuindo-a ao sr. capitão Homem Christo. O sr. Homem Christo responde-lhe, em carta publicada nas *Novidades*, demonstrando, com o regulamento da lei do recrutamento e com o regulamento d'instrucção, que era verdadeira, *verdadeirissima a affirmativa do Povo de Aveiro*.

O sr. Homem Christo, n'uma das suas ultimas cartas das *Novidades*, tinha dicto que concedessem ao ensino litterario duas das seis horas que, por lei, podem ser consagradas ao ensino profissional. O *Jornal* vem todo contente dizer que o sr. Homem Christo pedia a reducção de duas horas no ensino militar. Mas o sr. Homem Christo responde-lhe mostrando outra vez a ignorancia do articulista, a profunda ignorancia d'aquelle que, parecendo ser militar, desconhece as coisas mais elementares, mais comesinhas, mais simples da milicia, como a epocha de incorporação dos recrutas no exercito, como a duração da instrucção da recruta, como o numero de horas destinados á instrucção em cada dia, etc. Em nova carta ás *Novidades*, mostra o nosso amigo que não pedia reducção alguma nas horas diarias da instrucção profissional, por isso que tinha dicto que limitassem a duração do ensino diario a quatro horas, como faculta o regulamento.

O *Jornal* expande-se em rhetorica, a proposito de faltarem quadros e de faltar tempo para a instrucção profissional. O sr. Homem Christo responde-lhe que na Allemanha, na França e no proprio Portugal está mais do que provado que em dois mezes ha tempo de sobra para dar instrucção completa aos recrutas.

Em dois mezes! E o regulamento portuguez dá cinco mezes, approximadamente, para essa instrucção.

Se dois mezes chegam, como não chegam cinco?

Mas lá fóra os quadros estão completos, berra o *Jornal*. Mas lá fóra os contingentes são muito maiores. Está tudo em proporção. O articulista do *Jornal* ignora isso, como ignora tudo.

Para instruir trinta e quarenta recrutas, e nem tantos recebem muitas das companhias do exercito, chega bem o pessoal que nós temos. Para instruir tão pouca gente, aqui d'el-rei que são precisos tres officiaes, quatro sargentos e seis primeiros cabos, sem falar nos segundos cabos! Aqui d'el-rei que não se faz nada sem estar a postos todo esse pessoal graduado! Se não fosse ridicula uma tal affirmação, seria inconveniente para os creditos do exercito, pelo menos.

Tanto chega, que o sr. Homem Christo declara, nas *Novidades*, que só teve, este anno, para instruir a sua companhia, que foi a que mais recrutas recebeu, 52, um segundo sargento e um primeiro cabo, os quaes instruiram os homens muito bem e sobejando-lhes tempo.

Muito bem! Lá está, no ministerio da guerra, o relatorio do general commandante da divisão, elogiando, o anno passado, o estado de instrucção militar em que esse general encontrou a companhia do capitão Homem Christo. E, comtudo, já o anno passado o capitão Homem Christo teve só dois graduados na instrucção effectiva da companhia. E, comtudo, foram esses dois graduados que instruiram sósinhos a companhia, limitando-se o capitão Homem Christo a fiscalisar.

Isto são factos. Factos a que o *Jornal* não responde nada. A resposta do *Jornal*, á ultima carta do sr. Homem Christo nas *Novidades*, é de tal ordem que o articulista teria ganho muito mais em não responder coisa nenhuma.

Esta é a verdade.

O ultimo artigo do *Jornal* é uma retirada tão mal feita que nem merece menção. Se nos referimos a elle é por simples incidente: para corroborar a affirmação do *Norte* na parte que diz respeito á ignorancia do articulista do *Jornal*.

Ignorancia absoluta. Mas que querem?

A's ordens d'esses ignorantes andamos!

E' esta a desgraça do paiz.

* * *

Publicamos uma outra carta do sr. Homem Christo. Na ordem chronologica, esta precedeu nas «Novidades» a que transcrevemos no nosso ultimo numero. Foi um salto nosso involuntario:

*Sr. redactor.*—São, pois, indispensaveis duas lições diarias, de duas horas cada uma, e, para obtermos

uma média de 80 a 90 dias uteis, tirados os dias santificados, os dias de licença, de convalescença ou hospital, etc., são indispensaveis quatro mezes de instrucção.

Com os quatro mezes estamos bem. E' esse o tempo que dura hoje a instrucção dos recrutas na arma de infanteria, aquella que temos de tomar, por varios motivos, para ponto de partida. Com as duas licções diarias tambem podemos dizer que estamos bem, porque se déram em infanteria 14, tanto o anno passado com a minha companhia, como este anno com ellas todas, sem prejuizo algum. Mas nas horas a que se realisavam é que póde haver alteração, porque as horas de infanteria 14 eram inconvenientes para o egoismo nacional, para o nosso pouquissimo amor patrio, tão pouco, por mais que o apregoemos, que não nos merece o mais pequenino sacrificio, nem nos vale o mais insignificantissimo esforço.

A licção da manhã, essa tem de ser, necessariamente,—fallo sempre em hypothese, está claro,—em seguida ao toque de alvorada, isto é, entre a 1.ª e a 2.ª refeição, se a 2.ª refeição fôr antes da parada da guarda. Em infanteria n.º 14 era ás 9 horas. A licção tinha logar, portanto, das 7 ás 9 da manhã. Só terminava quando o rancho estava distribuido.

Não vejo maneira de se alterar essa hora. Nem é essa a que mais incommoda os graduados. A que os incommoda é a da noite, das 6 ás 8, hora de cafés, de palestras, de passeios.

De manhã estão os sargentos, em grande parte, no quartel, uns porque estão de serviço, outros porque não dormem fóra. E os que não estiverem n'esses casos que tenham paciencia, que a vida militar não é de burocratas, nem de conegos.

Dos officiaes, basta que a essa licção assista um por companhia. Não é grande sacrificio, principalmente se attendermos ao que se faz em alguns exercitos estrangeiros, onde o serviço é immenso e cumprido á risca, em especial no exercito allemão, que continúa a ser modelo.

O tenente da minha companhia, o sr. Antonio Rodrigues Paes, era, este anno, secretario do conselho administrativo. Não o obriguei a assistir ás licções. Foi elle que, muito voluntariamente, se prestou a esse serviço. Varias vezes instei com elle para que não comparecesse, ao menos, de manhã, visto que lá estava eu. Não acedeu nunca, respondendo-me invariavelmente que estimava, até, ter motivo para se levantar cedo, porque ganhava com isso a sua saude. E, em quatro mezes, não faltou a uma unica licção.

Caso é, que se a saude d'elle não ganhou, tambem não perdeu. Nem a minha. Ganhámos ambos em saude e em satisfacção moral. E ainda se diz que não cabem dois proveitos n'um sacco!

Isso cabem. Pelo menos, couberam d'essa vez.

Portanto, a essa licção basta que assista um official. Mas deve assistir sempre, a dar-se o ensino a sério, a pretender se honestamente um resultado favoravel.

E' um pequeno sacrificio, durante 90 dias, o maximo, um pequeno sacrificio em troca d'um valiosissimo serviço prestado ao exercito e á nação. Creio sinceramente, e sinceramente o digo, que nenhum official do exercito portuguez o fará com relutancia.

A licção, que em infanteria 14 se dava á noite, é que póde perfeitamente realisar-se a outra hora. Pela ordem do exercito n.º 22, de 31 de dezembro de 1900, os recrutas teem quatro a seis horas uteis de instrucção profissional, em cada dia. Pois bem; deixem a instrucção profissional nas quatro horas e deem as duas restantes á instrucção litteraria elementar. E, assim, se poderá realisar durante o dia a segunda licção de primeiras lettras aos recrutas, ficando o pessoal graduado das companhias liberto ás 4 horas da tarde, o mais tardar.

Se ficarem 4 horas, só, para a instrucção profissional, tres que sejam, desde que a instrucção, começando com a encorporação dos recrutas, só termina em fins de março, ha tempo de sobra para ella.

Para a instrucção profissional, tudo o que fôr além de tres mezes é excesso. Por mim, só admitto quatro mezes para essa instrucção juntando-se-lhe a instrucção litteraria elementar. Então, sim; os quatro mezes são indispensaveis.

Quanto ás casas destinadas ao ensino, não podem ser outras senão as casernas, ou as arrecadações, quando estas sejam amplas. Ahi se ministra o ensino sem difficuldades, como tambem se provou em infanteria n.º 14.

A caserna é, de ha muito, a casa da instrucção da companhia. N'ella se dão as theorias, e até o ensino tactico, quando chove.

Como a minha companhia foi a que recebeu este anno mais recrutas, foi-me permittido que eu os dividisse para o ensino litterario, deixando parte na arrecadação e levando os outros para uma sala que tinha sido destinada anteriormente á reunião dos officiaes. Mas como esta sala veiu a ser cedida á bibliotheca e era forçoso abandonal-a, vi-me obrigado, nos ultimos dias de instrucção, a reunir os homens todos na caserna. Pois fiquei admiravelmente installado e arrependi-me de não ter dado ali a instrucção desde o principio. Mais ar e mais luz. Ao fundo o quadro preto, para as operações arithmeticas. Nos intervallos das camas, na coxia, as mezas para escrever, mezas que se retiravam, no fim da aula, para um corredor. Os quadros parietaes, onde o seu proprio nome indica, suspensos das paredes. E a grande vantagem, que me tinha passado despercebida, da limpeza e da hygiene da caserna e dos soldados ser muito mais perfeita. Outra vantagem do ensino litterario por companhias! Vantagens por todos os lados! O capitão, mettido na caserna, repara nos *microbios* com mais attenção e mais vagar, não os quer apanhar, e, então, faz com que tudo aquillo, paredes, soalhos, camas, homens, etc., ande n'um aceio inexcedivel. Um brinquinho!

Não é vantagem para desprezar, notavelmente n'esse periodo da incorporação dos recrutas em que se accumula tanta gente nas casernas.

Em resumo:

1.º O ensino litterario por companhias, ou se torna obrigatorio ou não conduz a coisa nenhuma, como demonstrei na carta que v. publicou em abril ultimo.

2.º O ensino obrigatorio requer a prévia determinação do methodo por onde se ha-de ensinar. Se ficar isso ao arbitrio dos commandantes dos corpos ou dos capitães, como estes não teem tempo para estudar o assumpto, nem pratica d'elle, nem é coisa que se estude do pé para a mão, haverá a maior e mais lamentavel perturbação no ensino.

3.º Em minha opinião, o unico methodo, digno d'este nome, que existe em Portugal, áparte preoccupações de pedagogo, e interesses de livreiro ou auctor, é o methodo de João de Deus.

4.º Esse methodo só dá resultados completos quando os professores o conheçam bem e o ensinem conscienciosamento. Para que se conheça bem são indispensaveis as explicações oraes, faceis de transmittir ao pessoal graduado das companhias em todos os regimentos do exercito.

5.º Para o bom exito, durante os quatro mezes de instrucção dos recrutas, são insdispensaveis duas lições diarias, de duas horas cada uma.

6.º Os fundos das escolas regimentaes chegam, não só para compra de quadros parietaes, candeeiros, quadros pretos, bancos, etc., mas ainda para se poderem dar os livros aos recrutas que aproveitem, como se devem dar, para melhor exito do ensino e para lustre do exercito. Tirar-lh'os, como se faz actualmente, é uma miseria, que não honra a instituição e que prejudica o ensino.

D'esta fórma, sem augmento d'um real, póde o exercito, honrando-se, impondo-se á consideração e estima das classes civis, concorrer poderosamente para a solução do grande problema do analphabetismo.

E poderia ficar por aqui. Mas se v. continuar com a sua tolerancia, ainda farei, n'outra carta, umas considerações finaes.

Será a ultima, decididamente, a ultima carta d'esta serie, que v. tão benevolamente tem acolhido, o que muito agradeço.

Com a maior consideração

De v., etc.

Vizeu,—6—6—1902.

*Francisco Manuel Homem Christo.*

---

**Fallecimento**

Falleceu no sabbado n'esta cidade, de idade bastante avançada, a veneranda mãe dos srs. João de Pinho Vinagre e padre Jorge de Pinho Vinagre, a quem enviamos o nosso cartão de pezames.

---

Foi prorogado até ao dia 31 do corrente o praso para a troca de notas de 1$000 réis nas agencias do Banco de Portugal.

---

## A justiça na comarca

Ha dias houve um conflicto sério entre um empregado superior da fiscalisação dos impostos e um seu subordinado.

Não sabemos as razões que motivaram o conflicto, nem queremos agora entrar n'ellas. Basta accentuar este facto: N'um dos estabelecimentos mais publicos da terra perguntava-se ao empregado superior, de que tratamos, porque não entregou elle o seu subordinado ao poder judicial.

—Quem, eu?! Então eu sou tolo? Eu bem sei onde estou mettido. Conheço o meio perfeitamente. Se eu o remetto ao poder judicial seria absolvido, por maior razão que me assistisse. E, além de vexado, ficaria eu, ainda por cima, com cara de tolo.

Isto foi dicto alto e bom som, deante de pessoas da maior consideração social, entre as quaes figuravam elevados magistrados da propria justiça. E todos diziam, de [illegible] si:

«A[illegible] chegou a justiça [illegible] comarca de Aveiro.

Favor [illegible] Mattoso.

Este é [illegible] dos favores que lhe devemos.

Não é [illegible] ir registando.

---

Parte por estes dias para as thermas de Cucos, onde vae procurar alivios aos seus padecimentos, o nosso amigo e habil algebrista, sr. Manuel Gonçalves Netto.

Que regresse breve, completamente restabelecido, são os nossos mais ardentes desejos e o de todos os seus numerosos amigos.

---

**Pagamento de contribuições**

Estão em pagamento, no corrente mez, as prestações das contribuições predial e industrial, a cobrar no anno corrente, relativas ao 2.º semestre do anno findo.

Findo o praso, pagar-se-hão mais 3 °/o de juro da mora e as custas, havendo execução.

---

A commissão encarregada de elaborar o novo Regulamento interno da Sociedade Recreio Artistico ultimou já os seus trabalhos, entregando o ao presidente da assembleia geral, afim de ser discutido.

---

**Um novo Flamidiano**

Referem de Barcelona, que era alli commentado com a mais viva indignação o acto vandalico e repugnante praticado pelo padre Romá na pessoa d'um rapazito.

O selvagem, que é professor de um collegio, é accusado de ter abusado d'outras creanças.

## UM JULGAMENTO IMPORTANTE

Realisou se na quinta-feira ultima o julgamento dos *réos* implicados na celebre manisfestação, feita em Aveiro, contra o bispo de Coimbra.

Eram oito os accusados. Dois foram absolvidos, um condemnado a quinze dias de multa a tostão por dia, e os restantes condemnados a tres dias de multa.

A sentença, apezar de leve, não foi bem recebida, por isso que tendo sido a manifestação feita por toda a multidão que enchia as ruas de Aveiro, nada mais injusto que tornar oito individuos responsaveis par ella.

O Pinto, porém, não quiz que o sr. bispo o tomasse no seu *paternal* desagrado. Mas, como ao mesmo tempo, não queria incorrer em maior odioso do que aquelle em que já tem incorrido em Aveiro, limitou-se a uma condemnação insignificante.

Do mal o menos.

Não ha duvida que a sentença é mais uma prova eloquente da força que o espirito anti-clerical tem em Aveiro. Sem a força imperiosa do anti-clericalismo na cidade, o Pinto, cujo despotismo é conhecido de todos, o Pinto, cujas opiniões *francaceas*, reaccionarias, não são ignoradas de ninguem, teria esmagado os pobres *réos*. Mas o Pinto teve medo. E com justificados motivos. Não é inteiramente tolo. Uma sentença feroz teria levantado uma tormenta de tal ordem, que bem poderia fazer sossobrar o Pinto d'esta vez.

Parece que os réos tiveram intenção de convidar o sr. Affonso Costa para os defender. Pois fizeram mal em pôr a ideia de parte. Se teem convidado o sr. Affonso Costa, não só o discurso do illustre advogado seria uma excellente peça de propaganda anti-clerical, como um acto de vingança, e a absolvição de todos os réos seria, então, um facto incontestavel.

N'uma questão de tal ordem umas banalidades chôchas, e até inconvenientes, como as que proferiu o defensor dos réos, que achou a melhor defeza para um dos seus constituintes chamar-lhe *bebedo* e *incorregivel*, parece impossivel! são, por todos os titulos, lamentaveis.

Outro advogado, menos submisso deante do juiz, mais eloquente na defeza da verdade, e com a pouca habilidade precisa para não concentrar a defeza dos réos na desgraçada circumstancia de serem *bebedos* e *incorregiveis*, esta é unica! teria produzido, fatalmente, a absolvição de todos os accusados.

---

**Sal novo**

Do sr. padre Jorge de Pinho Vinagre recebemos a seguinte communicação:

Affirma o *Campeão*, por mal informado, que o illustre bandarilheiro aveirense, sr. Antonio da Costa, fabricou este anno sal na marinha do sr. Barbosa de Magalhães, denominada—*Pioneira*.

Da maneira como elle o apresentou, eu, se quizesse, tel-o-hia apresentado tambem já no mez de maio, e nas *cabeceiras*. Talvez se quizesse apresentar como *primeiro marnoto* da Ria. Pois engana-se, porque ha outros melhores. Que se não torne a gabar d'aquillo que não faz.

**Em Vagos — A epizootia**

Como dissémos no ultimo numero, realisou se em Vagos a conferencia feita pelo distincto e intelligente agronomo d'este districto, sr. Joaquim Ferreira Rés, sobre a doença da epizootia do carbunculo que ali grassa com grande intensidade no gado.

A respeito d'essa conferencia diz o nosso collega *O Jornal de Vagos* o seguinte, que gostosamente transcrevemos:

«No passado domingo esteve n'esta villa o nosso amigo sr. Joaquim Ferreira Rés, zeloso intendente de pecuaria no districto de Aveiro.

Veio conferenciar com os creadores de gado sobre a epizootia do carbunculo, que aqui é endemica.

S. ex.ª esforçou-se por convencer os lavradores, em geral renitentes em acceitar coisas novas, a tomarem as devidas precauções de isolamento dos animaes atacados e a procederem á vaccina preventiva.

Em despretenciosa palestra com elles, teve artes de os convencer da necessidade de sahirem da rotina e disporem-se a acceitar as indicações da sciencia.

Vimol-os em geral, promptos a seguirem os seus conselhos e a pôrem em pratica a vaccina na epocha competente.

E' uma necessidade, porque a doença vae alastrando d'um modo assustador, causando prejuizos que annullam a exploração do gado bovino.»

---

## AO SR. GOVERNADOR CIVIL

No ultimo numero d'este periodico, relatando o crime da travessa das Olarias, referimos que o sr. governador civil fizera algumas observações ao sr. commissario de policia sobre a má distribuição da força policial pelas ruas e travessas da cidade. E accrescentámos que ainda s. ex.ª não sabia metade do que se passa em Aveiro.

Assim é. Comtudo, não é preciso vêr muito para se vêr mais alguma coisa do que aquillo que o sr. governador civil parece vêr. Um simples passeio pela cidade demonstra logo que a policia não cumpre, pelo menos, as posturas municipaes. A cidade está n'um estado de vergonhosa porcaria. Tão porca, tão immunda, como não conhecemos outra em Portugal. Aqui montes de lixo; acolá gatos, cães, ratos abandonados e podres; por todos os cantos signaes dos mais immundos despejos.

Provém isto, em parte, da falta de pessoal que tem a camara para a limpeza da cidade. Mas provém tambem, e é a principal razão, do abandono a que a policia lançou as posturas municipaes.

De ha muito que vimos recebendo queixas contra os abusos e desleixos da policia, que se tornou uma instituição odiosissima entre nós. A policia só attende aquillo que representa dinheiro para ella. E' o que toda a gente diz; é o que toda a gente ouve dizer. Se um garoto se vae queixar á policia de que um homem de representação social lhe puxou as orelhas, porque o garoto offendeu a dignidade d'esse individuo, ou o decoro e a moralidade publica, a policia não só attende a queixa do garoto, como se apressa a ensinar-lhe tudo quanto elle ha de fazer para *entalar* o cidadão. Este tem por onde pague. A policia conta com os termos de accommodação e mais processos varios de arranjar dinheiro. E' o que é preciso. E' o que se pretende.

Diz-se, e o nosso dever é chamar a attenção do sr. governador civil para boatos de tal importancia e gravidade.

Mas os garotos, que não teem por onde pagar, offendem á vontade a moral publica, com actos e palavras, nas ruas e largos mais publicos da cidade. Mas mulheres sem pudor soltam indecen-

tissimos descantes pelas ruas principaes. Mas fadistões e birbantes da ultima especie dão *apalpões* ás raparigas e dirigem-lhes chufas, e trocam com ellas chalaças de bordel, e atracam-n'as em qualquer canto, sem respeito por ninguem, nem attenções por coisa nenhuma. Mas as posturas municipaes são lettra morta e assim as ruas tornam-se local de despejos e centro de todas as immundicies. Isto não se diz. Isto vemos nós. Isto vê toda a gente.

E a policia sabe. E a policia vê tambem. Aos olhos d'ella, nas barbas dos *respeitaveis agentes* se praticam todos esses attentados. Mas como não *rendem dinheiro*, a policia *encolhe os hombros* e deixa *correr o marfim*. Assim o affirma todo o mundo.

Isto não póde continuar, ex.mo sr. governador civil. Não póde continuar, para honra da terra e do proprio nome de v. ex.ª, que é a primeira auctoridade do districto. E dizemos: do *proprio nome* de *v. ex.ª*, por isso que é impossivel acreditar que v. ex.ª não tenha visto parte d'aquillo que estamos referindo.

Basta, repetimos, atravessar a cidade de Aveiro para que dê na vista de qualquer o estado de miseravel abandono, de vergonhoso relaxamento, de ignobil tolerancia policial em que isto cahiu.

V. ex.ª ha de ter visto o mesmo que todos vêem. Mas v. ex.ª talvez tenha julgado que a opinião publica *gosta* e que, se gosta, e que, se é certo que quem corre *por gosto não cança*, seria tolice v. ex.ª perturbar a *tranquillidade indigena* e a digestão dos senhores que mandam na policia, com medidas de justiça que hão de incommodar os vadios, os birbantes, os fadistas, os graciosos, as mulhersinhas de vida alegre e vida porca, e os *respeitaveis* agentes policiaes que lhes toleram as façanhas e lhes permittem as audacias.

Pois não é assim. A opinião publica está, de ha muito, indignada contra um tal estado de coisas, indignação de que nos fazemos echo n'este instante e que nos ha de valer referencias successivas.

A v. ex.ª, que é um homem de bem e um magistrado cioso do dever e da justiça, pedimos, desde já, as mais energicas providencias.

E' bem possivel que se a policia viesse reprimindo todos os desmandos e abusos, que envergonham a cidade, se não tivesse dado o crime da Travessa das Olarias, crime filho unicamente da impunidade com que os mariolas de todas as ordens veem praticando, de ha muito, todas as *brincadeiras* que lhes sóbem á cabeça.

E' certo que o Pinto despreza todas as participações da policia. O Pinto só tem *zelo* contra os jornalistas que se atrevem a censura-lo. Mas esse desprezo do Pinto não justifica, em caso algum, o abandono da policia.

Que cumpra cada um o seu dever, sem se importar com o que os outros fazem. Vá a responsabilidade a quem toca.

Attenda v. ex.ª: diz-se que a policia está prompta a *enterrar* todos aquelles que lhe cahem nas unhas quando d'ahi lhe resulte algum proveito, e a não fazer caso de coisa nenhuma quando d'ahi lhe não derive resultado immediato.

Isto diz-se. Não será difficil prova-lo.

Mas, sendo verdade, a policia tornou-se uma instituição odiosissima.

Ao alto critério de v. ex.ª submettemos esse caso.

### Regata

Realisa-se hoje a segunda regata promovida pelo grupo fluvial do *Gymnasio Aveirense*.

### Aguas Ferreas de Valle da Mó

Abriu o hotel d'este logar em 15 de junho. Tratamento bom, á vontade de cada hospede. Preços: de 400 a 800 réis por dia. Ha carreiras diarias aos comboyos, de Mogofores para alli, do alquilador Antonio da Cunha, a 200 réis cada pessoa. Dirigir ao proprietario do hotel Abel Gomes Santhiago; em Aveiro ao sr. Adriano Costa, *Armazens da Beira-Mar*.

## AINDA O CRIME
DA
## TRAVESSA DAS OLARIAS

Continúa a sensação produzida pelo barbaro assassinato do pobre Joaquim Lopes Lourenço. Aveiro, cidade trabalhadora e pacifica, não está costumada a scenas de tal ordem. Ha muitos annos que não se pratica aqui um crime de assassinio.

Concorre para augmentar a indignação publica o cynismo com que os bandidos iam pela rua Direita abaixo exclamando:

— Diabo! Esta gente faz uma admiração de se matar um homem!...

Mas o mais grave é que é publico já na cidade que se fazem os maiores esforços para attenuar a responsabilidade que pesa sobre os infamissimos assassinos.

Diz-se que se movem altos empenhos para que o crime seja considerado homicidio involuntario, sem intenção de matar.

Isto é o que toda a gente diz e ninguem acredita que os assassinos venham a receber o severo castigo que merecem.

Isto é grave, muito grave, porque demonstra o terrivel descredito em que cahiu a justiça na comarca de Aveiro. Não affirmamos, nem negamos, que se venham a confirmar os boatos publicos. Mas o simples facto d'elles correrem com tanta insistencia, junto a outros factos do dominio geral, junto a outros boatos, a outros symptomas, como aquelle, por exemplo, que diz respeito ao conflicto havido entre os dois empregados da fiscalisação, como referimos n'outra parte, continúa a demonstrar o estado de desconfiança terrivel com que é encarada a justiça na comarca de Aveiro.

Não foi debalde que se absolveu a Beatriz Vieira. Não foi debalde que se absolveu o caixeiro da farinha. Não foi debalde que se quiz condemnar o *Povo de Aveiro* a dois annos de prisão por suppostas offensas á religião do estado, vindo a ser absolvido, por maioria, no tribunal de Vagos e por unanimidade, no tribunal da Relação do Porto. Não foi debalde que se condemnou ultimamente a trinta dias de cadeia o editor d'este periodico, brutalidade sem nome como, ha poucos dias ainda, ouvimos em Lisboa a um dos mais intelligentes e dignos juizes do paiz, pelo simples facto de chamarmos *cavalgaduras* a individuos indeterminados.

Não. Não se praticam debalde attentados d'essa natureza. A consequencia havia de ser esta: a absoluta falta de confiança no magistrado que o sr. Mattoso nos impôz, favor porque a cidade de Aveiro deve ser eternamente agradecida ao morgado da Oliveirinha.

Nunca a situação em Aveiro foi tão triste como hoje. Nem confiança na policia, nem confiança na magistratura. A policia cahiu no mais completo descredito; o juiz da comarca [illegible] ao espirito de todos a [illegible] descrença, a [illegible] desconfiança.

Póde isto continuar assim?

A consciência publica o dirá.

### Expedição dizimada pelo cholera

Telegrapham de Singapura ao *Daily Mail* que a expedição de 10:000 inglezes enviada a Borneo para castigar os canibaes perdeu 3 quartas partes do seu effectivo, em resultado da cholera; na margem do rio Battang-Dopar ficaram abandonados 2:000 moribundos, os quaes foram presas dos canibaes.

## O crime de S. Jacintho

A proposito d'este crime escreve o correspondente d'esta cidade para o nosso collega da *Soberania do Povo*, de Agueda, estas sensatas palavras, com o que plenamente concordamos, chamando sobre ellas a attenção do illustre delegado d'esta comarca, sr. dr. Libertador:

«Correu hoje de manhã o boato de que os presos da Gafanha, como suppostos assassinos do pobre murtoseiro desapparecido ha mez e meio em S. Jacintho, haviam confessado o crime, tendo ido a noite passada áquella praia dizer onde estava o cadaver. Foi certo, effectivamente, terem ido a S. Jacintho, mas tudo no sentido de vêr se elles confessavam o crime.

A proposito d'esta gente, dizem-nos que ella se conserva ainda n'umas humidas pocilgas, improvisadas na cadeia d'esta cidade, sem ar nem luz, fazendo lembrar eras passadas, bem tristes á nossa memoria. Se assim é, o que nos foi affiançado por pessoa fidedigna, chamamos a attenção do sr. governador civil do districto, para que averigue o que ha com respeito a este rigor, tão improprio dos nossos tempos e dos nossos costumes. Quando todos procuram combater o terrivel mal da tuberculose, não é crivel que hajam auxiliares a elle, proporcionando-o por aquella fórma.

Demais, a uns interrogatorios tão rigorosos a que os presos teem sido sujeitos, vindo até de proposito um agente muito habil de Lisboa e mantendo-se elles na mesma attitude de que estão innocentes, e isto ha perto de quarenta dias, é extranhavel que ainda se conservem presos, quanto mais mettidos n'uns carceres tão condemnaveis pela hygiene.

### *HORARIO DOS COMBOIOS*

**De Aveiro para o Norte**

5,21 m., correio, 1.ª e 2.ª classe.
9,00 m., mixto, todas as classes.
4,47 t., tramway, vindo d'Alfarellos.
6,11 t., omnibus todas as classes.
9,49 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

3,55 da manhã.
10,15 da manhã.

**De Aveiro para o Sul**

6,48 m., omnibus, todas as classes.
2,12 t., tramway, até Alfarellos.
5,34 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.
10,30 t., correio, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

Chegada a Aveiro, terminus.
9,49 m.
9,9 t.

Os tramways partem do Porto ás 7,15 da manhã e 6,29 da tarde.

### Cobarde aggressão

N'um dos ultimos dias da semana houve ahi para os lados da rua do Loureiro pancadaria de bota abaixo.

O cocheiro Antonio da Costa, o *Louro*, foi barbaramente espancado por uns individuos que lhe descarregaram algumas bordoadas, fugindo em seguida.

Policia... nem um.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esquecam de visitar a maravilhosa e surprehendente Exposição Fabril
**Singer,**
installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

### Lei do sello

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na Rua de S. Mamede, 111 (ao Largo do Caldas), Lisboa, acaba de editar a Tabella Geral do Imposto do Sello, seguida do respectivo *indice*; *é a unica edição que tem indice* e por isso a de mais facil consulta. O seu custo é de 160 réis (fraco de porte).

ANNUNCIOS

**SAPATARIA REIS**

*R. DOMINGOS CARRANCHO*

(A'S CINCO RUAS)

**AVEIRO**

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma installação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encommendas por meeida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de córte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

(3) FOLHETIM

CAMILLO CASTELLO BRANCO

## VISITA A UM ASYLO
DE
## CRIMINOSOS ALIENADOS

Ha um castigo que eu emprego. Quando um doente procede mal, prohibo-lhe o baile durante algumas semanas; e, embora isto pareça absurdo, não ha para elles maior degradação.

Emquanto elle fallava, encontramos uma duzia de doentes acompanhados de um guarda, e um homem bem parecido com uma pá ao hombro.

—E' a gente do jardineiro que vae para o trabalho. Todos os legumes consumidos no estabelecimento são cultivados por elles.

—Trabalham obrigatoriamente?

—Não. São chamados para o trabalho; mas, se não querem, não vão.

—Os que não são criminosos, recebem algum estipendio?

—Nenhum, excepto um cachimbo e algum tabaco assim que terminam a tarefa, e com isto ficam contentes.

—Acho isso duro para os que não são criminosos...

—Não é. Considere que o trabalho d'elles é menos pesado que o de um jornaleiro, trabalho a que estão affeitos quasi todos. Aqui trabalham poucas horas, apenas o bastante para se conservarem saudaveis; e tanto lhes não custa, que vão para o trabalho alegremente. Converse com elles, e forme o seu juizo, e poderá decidir melhor se algum d'elles tem perfeita razão.

Dirigi-me a diversos; e nem um só me deixou duvidar da sua demencia. Se me davam uma ou duas respostas rasoaveis, seguiam-se outras destituidas do intendimento. Pareciam alegres com a presença do doutor, e faziam uns tregeitos que eu suppunha referirem-se a mim; mas não era assim. Era isso um modo silencioso de lhe pedir uma pitada que elle dava promptamente. Depois seguiam o guarda com direcção ao trabalho.

—Agora, disse o doutor, vamos visitar um dormitorio de homens e o senhor me obrigará infinitamente expondo com franqueza os seus reparos, e indicando os melhoramentos que devem introduzir-se. Peça todos os esclarecimentos sobre aquillo que não perceber.

Subimos a um andar onde havia um extenso dormitorio e bem alumiado e ventilado, com leitos alinhados de encontro á parede. A sala era propria quanto possivel; as paredes calceadas e adornadas de gravuras coloridas representando diversos assumptos da Sagrada Escriptura e da Historia Antiga e Moderna. Emfim, o aspecto da quadra representava mais cabalmente um hospital aceiado que uma prisão ou asylo de doidos.

As janellas não eram gradeadas; mas, examinando de perto, notei que os caixilhos dos vidros eram de ferro, e que a janella apenas se abria n'um espaço que não permittia perpassar o doente.

—Aqui, disse o doutor, é o dormitorio dos mais violentos ou dos mais perigosos. Vae encontra-los lá em baixo e então verá com que scelerados temos de nos haver. A esta hora estão no terreiro ou na sala commum.

—Disse-me que pedisse explicações—observei eu—o doutor disse-me que não havia aqui carceres. Para que serve, pois, esta gaiola de ferro que cerca um leito no centro do dormitorio?

—E' o leito do guarda nocturno. Um dorme aqui; os outros estão perto. Logo que se deita, fecha a gaiola de ferro, afim de o não degolarem durante a noite.

Descemos depois ao pateo. Abriu o doutor a grade e entramos. Seriam quarenta os presos que ahi estavam com muitos guardas em uniforme.

Aqui, não pude duvidar que estava em meio de doidos da mais perigosa especie. Era uma verdadeira Babel. Logo que entramos, dois robustos guardas vieram collocar-se ao meu lado para me defenderem de algum subito ataque. Muitos avançaram para mim, com ar ameaçador. Alguns apostropharam o medico em termos ultrajantes; mas elle recebia os insultos com a maior serenidade. Outros, fallavam-lhe cortezmente; mas de um modo tão incoherente que não havia duvidas da demencia. Quando nos apartamos d'elles um pouco, disse-me o doutor:

—Temos aqui os exemplares mais importantes, e os maiores patifes da Europa; pelo menos, se-lo-hiam, se não estivessem doidos. Quando o sr. estiver de pachorra, estudaremos esta questão muito controvertida entre a sua profissão e a minha:—se ha mais insania moral.

—E parece-lhe que haja?—perguntei.

—Penso que sim, e persuado-me que o sr. póde agora mesmo ajuizar directamente. Vê este homem de aspecto carregado no fim do pateo? Tem os olhos cravados em nós, e desconfio que vem fallar-nos como faz a todas as pessoas estranhas. Se elle vier, responda-lhe.

Ei-lo que veio para nós com um ar provocante; mas sem signal de demencia. Perguntou-me se eu era magistrado. Respondi que não.

*(Continua.)*

# HISTORIA
DA
# REVOLUÇÃO PORTUGUEZA De 1820

*Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas d'aquella época*

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriotica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanaes de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho authentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões luctaram pela santa causa da liberdade.

*Condições da assignatura extraordinaria*

| | |
|---|---|
| Cada fasciculo de 32 paginas ..... | 60 réis |
| Cada vol. brochado.. | 1:500 » |
| Obra completa (4 vol) | 6:000 » |

A assignatura por fasciculos póde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria **Mello Guimarães.**

---

## Bibliotheca
# HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, explendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

**Cada volume, 100 rs.**

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

---

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora da antiga casa David Corazz

## Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

# A CARTEIRA DO REPORTER

POR

## JULIO VERNE

*Com explendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOEIRA*

---

# AMBIÇÃO D'UM REI

ROMANCE PORTUGUEZ

Original de EDUARDO DE NORONHA

*illustrado a côres por*

**Manuel de Macedo e Roque Gameiro**

A distribuição nas provincias será feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

**120** rs.—cada fasciculo—**120** rs.

Os pedidos d'assignatura pódem ser feitos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

---

## Cathecismo Moderno

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

**Preço 50 réis**

A' venda na Livraria Elysio —Rua Formosa, 282 PORTO

---

NOVIDADE LITTERARIA

# ALMANACH HACHETTE

*PARA 1902*

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

**50 rs. cada semana, no acto da entrega**

# SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

## QUO VADIS?

traducção de EDUARDO DE NORONHA

**300 rs.** cada volume **300**

A' venda o 1.º volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

---

# O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenrolam-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

*A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a côres*

**Preço, 300 réis**

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

---

## Jayme Duarte Silva
**ADVOGADO**

R. DO SOL—AVEIRO

---

## "O NORTE,,

**Em Aveiro vende-se no Kiosque Central.**

---

# A NOVA PHASE
DO
# SOCIALISMO
POR
*JOÃO DE MENEZES*

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160 —LISBOA.

**Preço 200**

---

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

## Os Mysterios da Inquisição
POR
F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

*Precioso brinde a todos os senhores assignantes*: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55×0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

---

BIBLIOTHECA HORAS ROMANTICAS

## O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. E' esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entrecho e pela sua *Mona* artistica e impeccavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

**Cada vol., 100**

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

---

HENRY SIENKIEWICZ
(auctor do «Quo Vadis»)

## HANIA

primorosa novella [illegible] celebre auctor do «Quo Vadis», [illegible] «Diluvio», «Sigamol-o!

Preço [illegible] com uma capa [illegible]

**Preço 300 réis**

Pedidos á Direcção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, ou aos seus correspondentes.

---

# DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA
DA
ACREDITADA FABRICA
## "PFAFF,,
Fundada em **1862**
EM
## Kaiserslautern

**são estas as melhores machinas de costura**

A machina *PFFAF* para costureiras.
A machina *PFAFF* para alfaiates.
A machina *PFAFF* para modistas.
A machina *PFAFF* para sapateiros.
A machina *PFFAF* para seleiros.
A machina *PFFAF* para corrieiros.
A machina *PFAFF* para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

**A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura**

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.
Peçam catalogos illustrados que se remettem gratuitamente.
Pedidos a

*José Maria Simões & Filho*

ANADIA—SANGALHOS

---

## Vinho de Bucellas

**O legitimo vinho de Bucellas só se vende em Aveiro no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe.**

---

## CONSULTORIO DENTARIO
DE
## THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º

**Aveiro**

---

NOVIDADE LITTERARIA

# SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

*Trad. de EDUARDO NORONHA*

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.

**Preço 500 réis**

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

---

## ALVARO DE MORAES FERREIRA

## MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.

Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

**Largo do Rocio, 4 a 44**

---

# ARMAZENS
DA
# BEIRA-MAR
DE
## MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22
R. DOS MERCADORES, 1 A 5

## AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
*(Luz. Cam.)*

## Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

# CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir byciclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria,** bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.**

---

# MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79